

PARTICIPAÇÃO DO USUÁRIO NO PROJETO DA HABITAÇÃO POPULAR

USER PARTICIPATION IN MASS HOUSING DESIGN

ANTÔNIO REIS

The lack of user satisfaction with mass housing design has been largely referred to in the literature, among the low to low-middle income groups. Within the objective of reaching a degree of user satisfaction with his/her housing environment, two main schools of thought have emerged: the environment behavior research school of thought and the design participation school of thought. The main reason for the lack of user satisfaction with mass housing design has been attributed by those in the design participation school of thought to the control by architect over design decisions with no user participation at all. This paper assesses, through the use of five indicators, the claims of the design participation school of thought, that successful mass housing might be produced only through the effective participation of future users in decisions concerning the design of housing units and the design of housing scheme, either during the design process or during the occupation of housing units, by means of alterations and appropriations of spaces. The empirical work comprises three state financed mass housing schemes for low-middle income people in the estate of Rio Grande do Sul, Brazil.

Keywords: Design Participation, User Participation, Mass Housing Design, User Satisfaction.

A falta de satisfação do usuário com a qualidade de projeto de conjuntos habitacionais, destinados a população de rendas baixa e média-baixa, tem sido largamente referenciada na literatura. Com o objetivo de produzir um ambiente habitacional satisfatório para o seu usuário, emergem duas principais escolas de pensamento: a escola de pensamento sobre pesquisa na área ambiente/comportamento e a escola de pensamento sobre a participação do usuário. De acordo com a segunda escola de pensamento, as principais razões para a falta de satisfação do usuário com o projeto da habitação popular estão associadas ao controle absoluto do arquiteto sobre as decisões de projeto, o qual exclui a participação do usuário. Este artigo examina, através de cinco indicadores, o principal argumento defendido pela escola de pensamento sobre a participação do usuário, de que o sucesso na produção da habitação popular somente pode ser alcançado através da participação efetiva dos futuros residentes em decisões concernentes aos projetos das unidades habitacionais e de todo o conjunto, tanto durante o processo de projeto quanto após sua construção, durante o processo de ocupação das unidades habitacionais, através de alterações e apropriações dos espaços efetuadas pelos residentes. O trabalho empírico compreende três conjuntos habitacionais financiados pelo BNH e destinados a populações de renda média-baixa no estado do Rio Grande do Sul, Brasil.

Palavras-Chave: Participação em Projeto, Participação do Usuário, Projeto da Habitação Popular, Satisfação do Usuário.

1 INTRODUÇÃO

Uma discussão importante sobre o papel do arquiteto está ligada a participação do futuro residente nas decisões de projeto, a qual assume uma importância ainda maior quando se trata do projeto da habitação popular. Esta discussão gira em torno da disparidade identificada entre o sucesso e o fracasso no desempenho de conjuntos habitacionais. Alguns trabalhos sugerem que a raiz do problema encontra-se na imprecisão das premissas que os arquitetos fazem sobre os futuros usuários, atribuindo-lhes valores ambientais, necessidades e interesses diferentes dos que realmente possuem (p.ex. Cooper-Marcus & Sarkissian 1986, Darke 1982). Já, outros autores criticam o método tradicional do processo de projeção, onde os arquitetos assumem um papel autoritário sobre as decisões concernentes ao projeto arquitetônico (p.ex. Wulz, 1985), papel este, apontado como a causa principal da falta de satisfação do usuário com os projetos habitacionais populares. Em contrapartida, parece existir uma falta de evidência empírica que sustente os argumentos que advogam a participação do usuário no projeto como uma condição necessária para ultrapassar a sua falta de satisfação com os aspectos de projeto.

Argumento neste artigo que a necessidade de controle por parte do usuário em relação as decisões de projeto, deve ser avaliada de acordo com o próprio usuário. Para tal, a questão do controle do arquiteto sobre as decisões de projeto é analisada através da investigação da necessidade ou não da participação usuário no projeto da habitação popular.

Falta de satisfação do usuário com o projeto da habitação popular e soluções propostas para o problema

As diversas pesquisas realizadas em diferentes países produziram suficiente evidência para demonstrar a falta de satisfação do usuário com conjuntos habitacionais, associada não somente a aspectos sociais, culturais, econômicos, políticos, técnicos ou estéticos, mas também a falta de participação do usuário no projeto da habitação popular (durante o processo de projeto e após construção) (p.ex. Newman, 1972; Habraken, 1972; Turner, 1976; Dunleavy, 1981; Darke, 1982; Coleman, 1985; Cooper Marcus & Sarkissian, 1986). Dois exemplos extremos de falta de satisfação associado a problemas políticos, sociais, econômicos e de projeto, frequentemente citados na literatura, são os conjuntos habitacionais *Pruitt-Igoe*, em St. Louis (o primeiro conjunto habitacional a ser implodido nos Estados Unidos, em 1973), e *Killingworth*, localizado nas proximidades de Newcastle upon Tyne (projeto premiado, demolido apenas 15 anos após sua construção no nordeste da Inglaterra, em 1988) (Kellet, 1987). Estes dois exemplos refletem a situação existente quando o nível de satisfação dos usuários é negativo, gerando insegurança e hostilidade, demonstradas através de agressões ao espaço físico e de sua total rejeição. Portanto, parece ser verdadeiro que os ambientes residenciais que são percebidos pelos usuários

como inadequados podem comprometer a realização das suas aspirações ou, até mesmo, serem intoleráveis para eles.

A partir do exposto, são identificadas as duas principais escolas de pensamento sobre a produção de projetos habitacionais que satisfaçam as necessidades dos usuários (Becker, 1977; Rapoport, 1987): a escola de pensamento sobre pesquisa na área ambiente/comportamento diz que projetos habitacionais satisfatórios podem ser produzidos através do conhecimento das necessidades dos usuários obtido por meio de pesquisas na área ambiente/comportamento, indicando que existem um número de fatores que podem ser previstos de maneira satisfatória, caso sejam levados em consideração os resultados de pesquisa (Lang, 1987; Zeisel, 1986; Liebman, 1974); por outro lado, a escola de pensamento sobre a participação do usuário basicamente argumenta que projetos habitacionais satisfatórios podem ser produzidos somente através da participação do usuário durante o processo de projeto ou após a sua construção, especialmente para aqueles com recursos limitados que possuem poucas alternativas habitacionais disponíveis (p.ex. Habraken, 1972; Hamdi & Wilkinson, 1974; Hertzberger, 1984; Alexander, 1985; Cross, 1982). Alexander (1975), por exemplo, coloca a participação do usuário como o segundo dentre seis princípios a serem seguidos para a obtenção de um ambiente adequado as necessidades humanas.

Este artigo considera a escola de pensamento sobre a participação do usuário como objeto de estudo, onde são analisados os seus principais argumentos através de uma investigação empírica que possibilitou a elaboração de conclusões a respeito da validade ou não destes argumentos.

Significado do conceito de participação

Uma revisão do conceito indica que o termo 'participação', isoladamente, é um conceito muito amplo, significando diferentes coisas, tipos e graus de envolvimento do usuário (Johnson 1979, Arnstein 1969, Malpass 1979). A falta de concordância sobre o seu significado surge porque o próprio termo não especifica o grau de controle do usuário, sobre quais aspectos e quando ele acontece. Portanto, parece necessário explicar que o significado do conceito adotado neste estudo é: controle do usuário sobre aspectos de projeto da habitação popular, tanto durante o processo de projeto quanto após a sua construção, através de alterações introduzidas no projeto original.

A falta de suporte empírico para os argumentos que indicam a participação do usuário como uma solução ao problema da insatisfação do usuário com o projeto da habitação popular

No prefácio do seu livro 'Housing without houses: participation, flexibility, enablement' Hamdi declara que suas críticas e avaliações são, na sua maioria, "... convicções intuitivas baseadas em experiência pessoal ao invés de conhecimento proveniente de pesquisa..." (Hamdi, 1991, p.xiii); este também parece ser o caso de muitas asserções feitas por pessoas que tem escrito sobre participação (p.ex. veja Reis, 1992). Somando-se ao fato de que pesquisas na área de arquitetura sobre participação do usuário em projetos tem sido limitadas, tanto em número quanto em profundidade, com asserções normativas dominando a literatura sobre o assunto, não tem sido fornecidas evidências empíricas que sustentem as alegações de que existe uma maior satisfação em conjuntos habitacionais que contaram com a participação do usuário (Woolley, 1985; Owens, 1986; Rapoport, 1987). Exemplos bem conhecidos de participação e mencionados na literatura como experiências satisfatórias, tais como o Conjunto Habitacional de Byker, em Newcastle upon Tyne, Inglaterra, e Lea View House, em Hackney, Londres, na realidade, envolveram muito pouco o usuário (Malpass, 1979; Architects' Journal, 1983). Além disso, nenhuma avaliação foi realizada após a sua ocupação com o objetivo de avaliar o nível de satisfação de seus residentes.

Ainda, as razões por trás de algumas afirmações sobre a satisfação do usuário estão também relacionadas a outros fatores, e não somente a existencia de um processo de participação do usuário no projeto da habitação popular. A necessidade da participação do usuário foi questionada por vários participantes da conferência realizada na Oxford Polytechnic em 1984, intitulada 'What is the point of Community Architecture?' (Scott, 1986). A idéia de que edifícios não podem responder de forma efetiva às necessidades dos usuários sem a participação dos mesmos, também foi questionada na avaliação de um número de conjuntos habitacionais, principalmente nas Cidades Novas na Inglaterra, onde não houve a participação dos residentes e onde estes, na maioria dos conjuntos, apresentavam um alto grau de satisfação com as suas habitações e conjuntos, com muito pouco vandalismo e um alto esmero para com o ambiente residencial (Bacon and Jenks, 1986). Adicionalmente, em comentário sobre os fracassos da habitação popular francesa do pós-guerra, Schuman salienta que os conjuntos habitacionais franceses construídos recentemente, projetados por renomados arquitetos (Henri Ciriani, Paul Chemetov, Ricardo Bofill, etc.) e sem qualquer participação dos futuros usuários, eram geralmente a escolha habitacional de muitos residentes (Schuman, 1987, p.358).

Além disso, existem muitas contradições e inconsistências em argumentos apresentados por alguns defensores da escola de pensamento sobre a participação do usuário. Em declarações feitas por

conhecidos arquitetos envolvidos com alguma forma de participação comunitária, já foi expressa a opinião de que participação, no seu sentido de divisão de poder, não funciona, e que o arquiteto na verdade tem o controle final sobre as decisões de projeto (veja Farrelly, 1987). Devido a controvérsias encontradas, a revisão da literatura não permite chegar a conclusões definitivas em relação a efetiva importância da participação do usuário; é evidente que opiniões bastante divergentes existem, tanto no sentido de favorecer quanto no sentido de desencorajar a participação do usuário no projeto da habitação popular (Reis, 1992).

Cinco principais indicadores da escola de pensamento sobre a participação do usuário

A literatura tem sido dominada pelas opiniões dos especialistas sobre a participação do usuário em detrimento das opiniões dos usuários sobre o assunto. Movimentos tais como 'community architecture' na Grã-Bretanha foram questionados: embora pudessem ser intrinsecamente sobre controle do usuário, poderiam ser principalmente uma invenção dos arquitetos para lhes permitir responder as suas percepções sobre os interesses dos usuários (Scott, 1986, p.1).

Em uma revisão sobre a participação dos residentes de habitações populares na França, foi mencionado que as classes trabalhadoras normalmente recusavam-se a tomar parte em projetos participativos (Conan, 1987, p.302). Na verdade não existe evidência empírica conclusiva sobre o desejo do usuário em participar no projeto da habitação popular. Somando-se a isto, o desejo do usuário em participar durante o processo de projeto ou/e no projeto construído, através da realização de alterações, tem sido assumido como evidente por alguns autores sem, entretanto, fornecer evidências sobre quando a participação deveria ocorrer (Reis, 1992; Cooper Marcus & Sarkissian, 1986).

Existe, também, falta de estudos sistematizados que tenham identificado quais os fatores, se for este o caso, o usuário desejaria controlar durante participação no projeto da habitação popular com o intuito de alcançar um espaço habitacional mais adequado e satisfatório (Reis, 1992). Ainda, não tem sido explicado na literatura ou fornecidas evidências para determinar/medir e comparar os níveis de satisfação com participação resultantes daqueles usuários que tiveram a experiência de participar com aqueles que não tiveram tal experiência. Somando-se a isto, a relação entre participação do usuário no projeto da habitação popular e nível de satisfação do usuário não tem sido estabelecida de forma convincente. De acordo com as afirmativas mencionadas na literatura, foram selecionados cinco indicadores para investigar a escola de pensamento sobre a participação do usuário

- Desejo do usuário em participar;
- Período de participação;
- Fatores que os usuários desejam controlar durante a participação;
- Níveis de satisfação com participação;
- Níveis de satisfação com o ambiente residencial.

Participação do usuário em projetos de habitação popular no Brasil

Para fins deste estudo, é considerada a habitação popular produzida no Brasil após 1964, sob a política habitacional nacional que criou o Banco Nacional da Habitação (BNH). As habitações populares e infra-estruturas financiadas pelo BNH foram promovidas pelas COHABs (cooperativas habitacionais municipais ou estaduais), entre outras, e geralmente produziam habitações para famílias com renda mensal de três a cinco salários mínimos. A participação do usuário durante o processo de projeto das habitações populares não foi contemplada, já que os projetos seguiam uma orientação nacional que controlava os recursos e a liberação de fundos. Entretanto, o processo de participação ocorreu com frequência após a construção dos projetos, através de alterações realizadas pelos usuários nos projetos originais, sendo que o nível de participação estava geralmente condicionado ao tipo de habitação adotado. Estas alterações são bastante visíveis em conjuntos habitacionais constituídos por casas (Reis, 1992).

A investigação empírica foi realizada em três conjuntos habitacionais no Rio Grande do Sul. Seis amostras foram selecionadas aleatoriamente nestes três conjuntos habitacionais: casas isoladas no terreno (figura 1) e blocos de apartamentos com dois pavimentos (figura 2) no conjunto habitacional Tancredo Neves em Santa Maria; em Porto Alegre, casas isoladas no terreno (figuras 3 e 4) e casas em fita (figuras 5 e 6) no conjunto Costa e Silva e blocos de apartamentos com quatro pavimentos (figura 7) no conjunto Rubem Berta. O conjunto Rubem Berta caracteriza-se por ter tido parte de seus blocos de apartamentos invadidos e ocupados antes do término da construção.

Os três conjuntos construídos pela COHAB, com seus diversos tipos habitacionais (casa isolada no terreno, bloco de apartamento com dois pavimentos, casas em fita e bloco de apartamento com quatro pavimentos), foram considerados como representativos da variedade de conjuntos habitacionais financiados pelo BNH no Brasil. Para preencher os requisitos da pesquisa, foram utilizados quatro métodos de coleta de dados: entrevistas, questionários, observações e comparações entre os projetos originais e as habitações edificadas. Em virtude da natureza dos dados coletados -nominais e ordinais- foram utilizados métodos analíticos não-paramétricos.

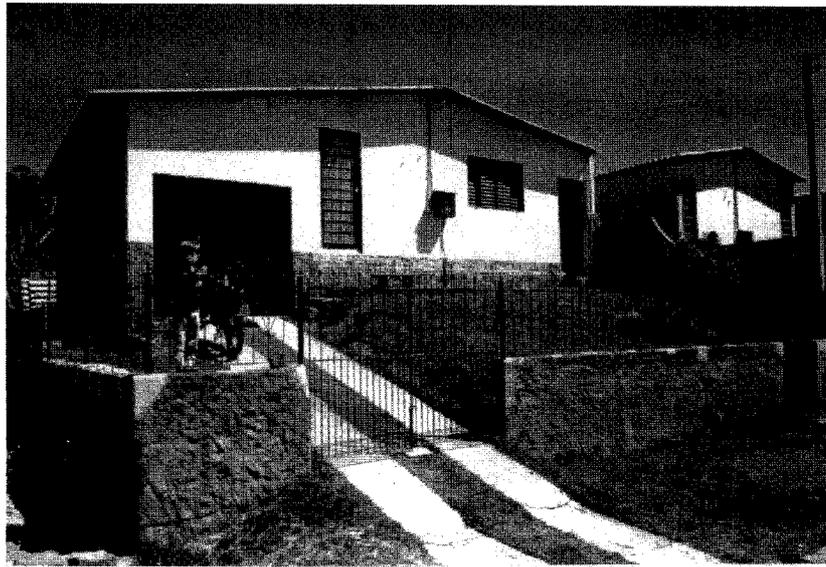


Foto 1 - Casas isoladas no terreno - Tancredo Neves
[extensões laterais - garagem e acesso secundário, substituição das janelas originais, porta principal na fachada principal, melhoria do acesso frontal; casa original ao lado direito].

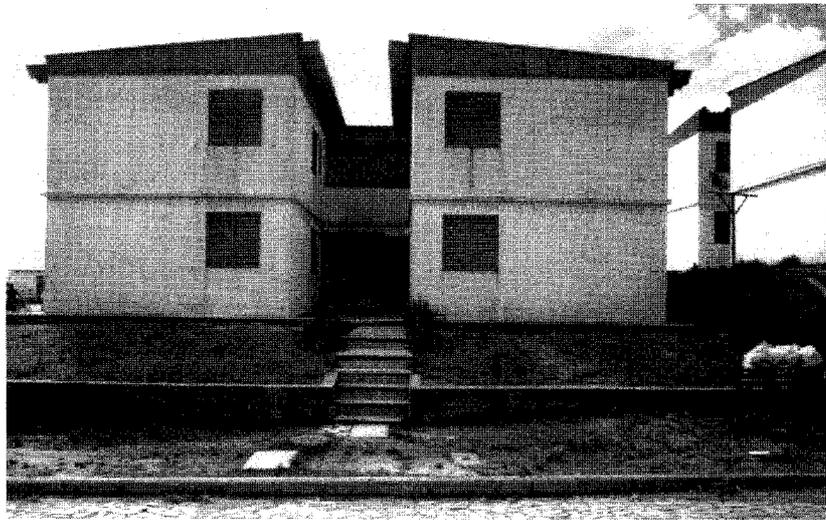


Foto 2 - Os blocos de apartamentos com 2 pavimentos - Tancredo Neves



Foto 3 - Casas isoladas no terreno - Costa e Silva



Foto 4 - Casas isoladas no terreno - Costa e Silva
[substituição das janelas e modificação da posição da porta principal]



Foto 5 - Casas em fita - Costa e Silva
[adição de varanda, substituição das janelas originais, melhoria do acesso frontal; casa original ao lado direito]

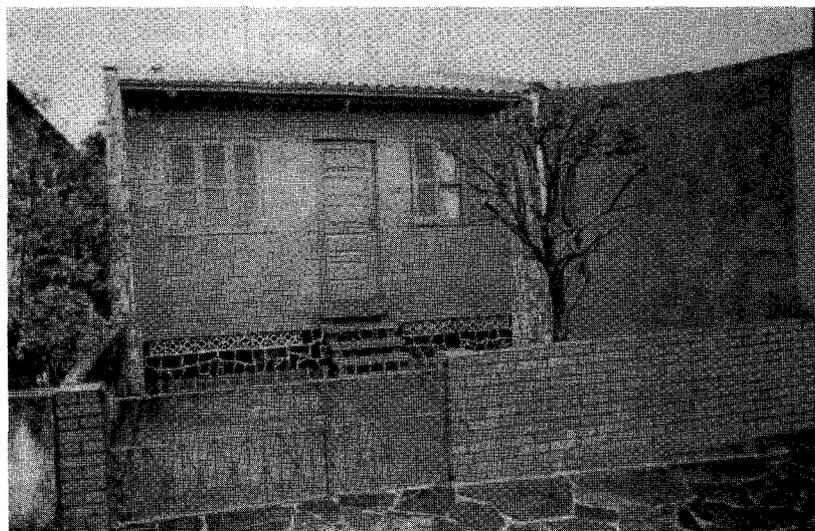


Foto 6 - Casas em fita - Costa e Silva
[substituição das janelas originais, revestimento cerâmico da fachada, melhoria do acesso frontal, muro]



Foto 7 - Blocos de apartamentos com 4 pavimentos - Rubem Berta

2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Indicador 1 - Desejo do usuário em participar

Os resultados obtidos a partir da análise estatística mostram que o desejo do usuário em participar no projeto da habitação popular (durante o processo projetual ou após a construção da habitação) não foi significativamente afetado pelo tipo de habitação (se casa isolada ou em fita, se blocos de apartamento de dois ou quatro pavimentos), pelo grau de finalização da habitação (por exemplo, os apartamentos que foram invadidos não estavam concluídos), por estar localizada no pavimento térreo, no 2º, 3º ou 4º pavimento, ou por outros fatores contextuais (referentes ao contexto físico) e composicionais (referentes as características dos usuários) tais como tamanho da habitação, tamanho da família, níveis de educação e de renda. Quando perguntados se havia alguma decisão importante relacionada ao projeto de suas habitações ou conjuntos habitacionais sobre a qual eles gostariam de ter participado, a maioria (82.5% - 175) dos 212 respondentes dos questionários respondeu afirmativamente. A mesma proporção (82.5% - 33) dentre 40 residentes pessoalmente entrevistados nos blocos de apartamentos de quatro pavimentos vendidos e naqueles invadidos no conjunto Rubem Berta, expressaram desejo em participar.

Por outro lado, os resultados mostram que o desejo em participar no processo projetual ou após a construção da habitação, não estava relacionado ao nível de satisfação com a unidade habitacional, com o conjunto habitacional ou com a totalidade do ambiente residencial (unidade e conjunto). Ainda, uma proporção importante daqueles que desejavam participar estava satisfeita com suas habitações, contrariamente ao implicitamente esperado, de que o desejo em participar no processo de projeto ou após a construção da habitação fosse decorrente de alguma insatisfação com o ambiente residencial. Isto gera dúvidas quanto a real necessidade da participação do usuário. Todavia, o desejo em participar era significativamente maior entre aqueles insatisfeitos com aspectos específicos da habitação tais como peças (K-W, $\chi^2=6.38$, sig.=.0411), a existência ou não de pátio ou sacada (K-W, $\chi^2=6.74$, sig.=.0343).

Examinando a relação entre o desejo de participar e o grau efetivo de participação do residente na sua habitação através de alterações ao projeto original, nota-se que aqueles que mais desejavam participar eram os residentes que, somente, aumentaram o tamanho da habitação (13.7% - 30 de 212), e aqueles que aumentaram o tamanho da habitação e adicionaram ou removeram paredes divisórias (4.7% - 10 de 212), com 100% destes residentes desejando participar ($\chi^2=13.17$, sig.=.0404).

A interpretação desses dados poderia sugerir a existência de uma relação entre o desejo de participar e a possibilidade de aumentar o tamanho da habitação, contudo, constata-se que aqueles que aumentaram o tamanho de suas habitações e alteraram a posição de portas e janelas (4.7% - 10 de 212), tinham mais ou menos o mesmo desejo de participar (80% - 8 de 10) que aqueles que somente fizeram pequenas alterações ou melhorias relacionadas ao acabamento (41% - 86 de 212), como por exemplo, pintura ou revestimento cerâmico nas paredes, reboco, revestimento de piso e forro, com 77.9% (67 de 86) destes residentes desejando participar. Embora não tenha sido encontrada uma diferença estatisticamente significativa, o número de residentes que desejavam participar era muito maior do que o número daqueles que não desejavam, em qualquer um dos grupos caracterizados por diferentes tipos de alterações ou melhorias realizadas pelos residentes. Contudo, aqueles residentes que não realizaram nenhuma alteração estavam menos interessados em participar do que os residentes que

realizaram algum tipo de alteração.

Enquanto poderia ser dito que aqueles residentes que realizaram as menores alterações estavam dentre o grupo de residentes identificados como menos interessados em participar, não pode ser afirmado que aqueles que realizaram as maiores alterações eram, necessariamente, os residentes mais interessados em participar. Embora os mais interessados em participar fossem os residentes que aumentaram o tamanho da habitação e alteraram o uso das peças, os resultados mostram que o grupo de residentes que fizeram alterações relacionadas a privacidade e ao uso das peças demonstraram interesse maior em participar apenas em relação ao grupo de residentes que não realizaram nenhuma alteração, estando, inclusive, menos interessados em participar do que aqueles que fizeram apenas pequenas alterações decorativas.

Indicador 2 - Período de participação

Em relação ao período de participação desejado pelos usuários, havia um claro desejo de participar durante o processo de projeto, enquanto que o desejo de participar no projeto construído não era totalmente convincente. Dentre os 175 residentes (82.5% do total de 212 respondentes dos questionários) que desejavam participar no projeto de suas habitações, 63% expressaram o desejo de participar durante o processo de projeto e após a construção de suas habitações, 35% desejavam participar apenas durante o processo de projeto, e somente 2% tinham o desejo de participar apenas depois da construção de suas habitações. Portanto, enquanto 98% (63%+35%), dos 175 respondentes desejando participar, tinham o desejo de participar durante o processo de projeto, apenas 65% (63%+2%) daqueles desejando participar (175) expressaram o desejo de participar depois da construção. Estes dados são referendados pelos resultados de 40 entrevistas realizadas no conjunto Rubem Berta, onde 80% (32 de 40) e 37.5% (15 de 40) dos residentes desejavam participar durante o processo de projeto e após a sua construção, respectivamente.

Os principais argumentos de residentes contrários a participação no projeto já construído estavam relacionados a efeitos negativos tais como, gasto de tempo e dinheiro, danos ao mobiliário e falta de limpeza na habitação como decorrência de alterações e/ou melhorias em andamento. Existe uma clara indicação de que a maioria dos residentes que: • acrescentaram ou removeram paredes divisórias e alteraram a posição de portas e janelas; • tentaram aumentar a privacidade e alteraram o uso das peças; e/ou • realizaram apenas melhorias de acabamento, desejavam participar durante o processo de projeto mas não após a sua construção. Isto indica que estes residentes não estavam realmente interessados em fazer alterações, isto é, fizeram-nas apenas por necessidade e não desejo, ou então que não desejavam fazer eles próprios as alterações ou melhorias.

Níveis de satisfação com a habitação, com o conjunto habitacional, e com a totalidade do ambiente residencial, não afetaram significativamente o período de participação (se durante o processo projetual ou após construção) desejado pelos residentes. Entretanto, residentes insatisfeitos com suas habitações tendem a estar mais interessados em participar durante o processo de projeto do que aqueles residentes satisfeitos com a habitação.

Indicador 3 - Fatores que os residentes mais desejam controlar durante a participação

Em geral, tamanho (33,5%) e arranjo das peças (33%) foram identificados como os dois fatores que os residentes mais desejam controlar durante a participação no processo de projeto, seguidos pelo número de peças (20.3%), qualidade dos materiais e acabamento (18.9%), e privacidade visual em relação a outras pessoas na habitação (17.9%). Tamanho das peças é, claramente, o principal fator manifesto como desejo de controle pelos residentes através da participação no processo de projeto dos tipos de habitação com as menores áreas - casas em fita com dois dormitórios (36.3 m²) e casas isoladas no terreno com três dormitórios (42.3 m²) no conjunto Costa e Silva e blocos de dois pavimentos com apartamentos de dois e três dormitórios (35.7 e 38.8 m²) no conjunto Tancredo Neves. Arranjo das peças passa a ser o principal fator manifesto como desejo de controle pelos residentes de unidades habitacionais onde a cozinha está localizada próxima a entrada principal e sem separação da sala de estar e jantar, como ocorre nas casas isoladas no terreno no conjunto Tancredo Neves e nos blocos de apartamentos com quatro pavimentos no conjunto Rubem Berta.

Aumento do tamanho da habitação (19.8%) foi identificada como a primeira alteração que os residentes desejavam realizar ou que tinham realizado nas suas habitações, seguido por alteração no tamanho das peças (16.5%), no uso/arranjo das peças (15.6%), e na qualidade dos materiais e acabamento (14.6%). Os residentes tendem a manifestar insatisfação com os aspectos da habitação que eles desejavam ter controlado através da participação no processo de projeto, sendo que estes fatores estavam relacionados aos aspectos da habitação mais importantes para os residentes. Todavia, verificou-se que estes fatores da habitação poderiam ter sido razoavelmente previstos de uma maneira satisfatória. Consequentemente, uma das principais razões para a participação do usuário no projeto da habitação popular - controlar fatores que seriam bastante difíceis de serem previstos satisfatoriamente

pelo arquiteto, mesmo através de pesquisa - não foi sustentada.

Indicador 4 - Níveis de satisfação com participação

Com exceção do aumento no tamanho na habitação, as alterações realizadas pelos residentes nas suas habitações não aumentaram os níveis de satisfação com participação, nem os níveis de satisfação com a possibilidade de fazer alterações na habitação. A percentagem mais alta de usuários satisfeitos com participação (70%) estava dentre aqueles que aumentaram o tamanho de suas habitações e alteraram a posição de portas e/ou janelas. A percentagem de residentes satisfeitos e insatisfeitos com participação era praticamente a mesma para aqueles que aumentaram o tamanho da habitação e adicionaram ou removeram paredes divisórias (50% e 20%), e aqueles que somente aumentaram o tamanho da habitação (50% e 23.3%). A proporção mais alta de residentes insatisfeitos com a participação estava dentre aqueles que removeram ou adicionaram paredes divisórias e alteraram a posição de portas e/ou janelas (42.9%), aqueles que somente adicionaram ou removeram paredes divisórias (46.2%), e aqueles que fizeram apenas pequenas alterações relacionadas ao acabamento (39.5%).

Considerando que o nível de satisfação com participação deveria aumentar de acordo com o aumento no grau de alterações realizadas, caso este tipo de participação fosse realmente importante, e que o nível de satisfação com a participação e com a possibilidade de fazer alterações na habitação não aumentou necessariamente com o aumento no grau de alterações realizadas pelos residentes, conclui-se que sua importância parece questionável. Portanto, a premissa de que aqueles que participaram no projeto construído estariam satisfeitos com participação caso esta fosse realmente desejada pelos residentes e tivesse produzido resultados positivos, não foi sustentada.

Os níveis de satisfação com participação não foram afetados significativamente pela variação no tipo de habitação, pelo grau de finalização da habitação, por esta estar no pavimento térreo, no 2º, 3º ou 4º pavimento, ou por outros fatores tais como tamanho da habitação, tamanho da família, níveis de educação e de renda. Entretanto, vale a pena mencionar que enquanto os residentes de casas isoladas no terreno do conjunto Tancredo Neves eram os mais satisfeitos (54.8% satisfeitos, 16.7% nem satisfeitos nem insatisfeitos, 28.6% insatisfeitos) com a participação, aqueles nas casas isoladas no terreno do conjunto Costa e Silva eram os menos satisfeitos (10% satisfeitos, 60% nem satisfeitos nem insatisfeitos, 30% insatisfeitos), embora ambos tenham feito alterações similares, maiores do que aquelas realizadas pelos residentes de apartamentos. Portanto, o fato de que o tipo de habitação, casa isolada no terreno, pudesse permitir a realização de alterações mais significativas e logo um maior grau de participação no projeto construído, não assegurou necessariamente satisfação com a participação.

Todavia, observações das fachadas exteriores mostram um maior grau de alterações nas casas isoladas no terreno no conjunto Tancredo Neves (p.ex. figura 1) do que neste mesmo tipo de habitação no conjunto Costa e Silva (p.ex. figura 4). Isto poderia ter sido responsável por parte da diferença nos níveis de satisfação com a participação. Por outro lado, enquanto poderia ser argumentado que os residentes das casas no Tancredo Neves eram, em geral, os mais satisfeitos porque eles realizaram maiores alterações e melhorias nas suas fachadas, com um maior nível de personalização, aqueles nas casas em fita do conjunto Costa e Silva (p.ex. figuras 5 e 6) também realizaram alterações nas suas fachadas, porém, não estavam mais satisfeitos do que os residentes dos blocos de apartamentos de dois pavimentos do conjunto Tancredo Neves (figura 2), que quase não realizaram alterações, com exceção de melhorias nos acabamentos internos.

Além disso, o grau de satisfação com participação nos blocos de apartamentos com quatro pavimentos do conjunto Rubem Berta, tanto os comercializados (30% satisfeitos, 22.5% nem satisfeitos nem insatisfeitos, 47.5% insatisfeitos) quanto os invadidos (31.6% satisfeitos, 33.3% nem satisfeitos nem insatisfeitos, 35.1% insatisfeitos), e o grau de satisfação com participação nos blocos de dois pavimentos do conjunto Tancredo Neves (26.8% satisfeitos, 36.6% nem satisfeitos nem insatisfeitos, 36.6% insatisfeitos) eram muito similares, embora nos blocos de apartamentos com quatro pavimentos comercializados e invadidos tivessem sido realizadas outras alterações além de melhorias no acabamento (p.ex. 45% e 49.1% realizaram alterações somente relacionadas as paredes divisórias, e 30% e 43.9% fizeram alterações relacionadas a paredes divisórias e posição das portas e janelas, respectivamente). Portanto, embora o grau de alterações realizadas no projeto construído tenha variado substancialmente entre os tipos de habitação, os níveis de satisfação com a participação não eram significativamente diferentes entre os residentes que efetuaram tais alterações e aqueles que não as realizaram. Esta evidência sugere que os níveis de satisfação com participação eram mais fortemente afetados pelo fato dos residentes não terem participado durante o processo de projeto do que pelas alterações realizadas no projeto construído.

Indicador 5 - Níveis de satisfação com o ambiente residencial

Alterações executadas nas habitações não aumentaram a satisfação com o ambiente residencial, com exceção das alterações realizadas para aumentar o tamanho da habitação, embora, aqueles que

não realizaram nenhuma alteração, não estivessem muito menos satisfeitos. Ainda, parece bastante significativo que, comparando os vários tipos de alterações realizadas pelos residentes, aqueles que não realizaram nenhuma modificação e aqueles que fizeram somente melhorias de acabamentos eram, respectivamente, os segundos e terceiros mais satisfeitos com as habitações. Isto parece contradizer qualquer asserção que tente correlacionar o grau de participação no projeto construído com o nível de satisfação com a habitação. Ainda, embora pudesse ser esperado, nem sempre os residentes que aumentaram o tamanho de suas habitações estavam mais satisfeitos com as mesmas do que aqueles que apenas realizaram melhorias de acabamento, como pode ser visto claramente nas casas em fita do conjunto Costa e Silva, na tabela 1 abaixo. Por outro lado, a ausência de diferenças significativas nos níveis de satisfação com a habitação, de acordo com o grau de alterações realizadas pelos residentes, está bem exemplificada nas casas isoladas no terreno do conjunto Tancredo Neves e nos blocos de apartamentos com quatro pavimentos do conjunto Rubem Berta. No caso dos blocos com quatro pavimentos que foram invadidos havia, inclusive, uma correlação negativa entre os níveis de satisfação com a habitação e o grau de alterações realizadas, refletida no coeficiente de correlação Kendall (coeficiente = -0.2689 , sig. = 0.0153).

TABELA 1
EXEMPLOS DE NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM AS HABITAÇÕES DE ACORDO COM
O GRAU DE ALTERAÇÕES REALIZADAS PELOS RESIDENTES NAS SUAS HABITAÇÕES

TIPO DE HABITAÇÃO	GRAU DE ALTERAÇÕES	NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM A HABITAÇÃO	
		SATISFEITOS	INSATISFEITOS
Casas em fita Costa e Silva	- somente melhorias de acabamento	66.7% (4 de 6)	16.7% (1 de 6)
	- somente aumento da habitação	40% (4 de 10)	50% (5 de 10)
Casa isolada no terreno Tancredo Neves	- nenhuma alteração	71.4% (5 de 7)	0%
	- somente melhorias de acabamento	83.3% (5 de 6)	16.7% (1 de 6)
	- somente aumento do tamanho da habitação	80% (12 de 15)	0%
	- aumento da habitação e alteração na posição das portas e janelas	80% (8 de 10)	0%
Blocos 4 pav. comercializados Rubem Berta	- nenhuma alteração	28.6% (2 de 7)	28.6% (2 de 7)
	- somente melhorias de acabamento	22.2% (4 de 18)	50% (9 de 18)
	- somente removeram/acrescentaram paredes divisórias	25% (3 de 12)	33.3% (4 de 12)
	- removeram/acrescentaram paredes divisórias e alteraram a posição de portas e janelas	0%	33.3% (1 de 3)
Blocos 4 pav. invadidos Rubem Berta	- nenhuma alteração	100% (1 de 1)	0%
	- somente melhorias de acabamento	59.3% (16 de 27)	0%
	- somente removeram/acrescentaram paredes divisórias	36% (9 de 25)	20% (5 de 25)
	- removeram/acrescentaram paredes divisórias e alteraram a posição de portas e janelas	50% (2 de 4)	25% (1 de 4)

Embora não tivesse significado estatístico, pode ser observado na tabela abaixo que, mesmo nas casas isoladas no terreno do conjunto Tancredo Neves, onde as alterações no tamanho da habitação pareciam promover satisfação para os residentes, aqueles que realizaram somente melhorias de acabamento eram os mais satisfeitos com as peças da habitação. Por outro lado, aqueles residentes do conjunto habitacional Tancredo Neves que somente aumentaram a habitação e aqueles que aumentaram a habitação e alteraram o uso das peças nas casas isoladas no terreno, estavam claramente mais satisfeitos com as peças do que aqueles residentes nas casas em fita e nas casas isoladas no terreno do conjunto habitacional Costa e Silva. Nos blocos de apartamentos com quatro pavimentos do conjunto Rubem Berta, as alterações relacionadas a privacidade e ao uso das peças não produziram resultados positivos significativos.

Os níveis de satisfação com a aparência da habitação não eram muito diferentes entre os residentes que realizaram diferentes tipos de alterações nas casas isoladas no terreno no Tancredo Neves (tabela 3 abaixo). Surpreendentemente, nas casas em fita do conjunto habitacional Costa e Silva, aqueles residentes que aumentaram as habitações e alteraram os usos das peças estavam menos satisfeitos com a aparência da habitação do que aqueles que realizaram apenas melhorias de acabamentos (tabela 3 abaixo). Este é um resultado revelador, já que muito tem sido mencionado na literatura sobre a necessidade de se poder personalizar a própria habitação, embora não tenha sido especificado claramente o nível de personalização necessário.

A necessidade da participação do usuário, tal qual argumentada na literatura, parece estar intrinsecamente ligada a afirmação de que somente o usuário seria capaz, de acordo com os seus

próprios gostos e valores, de produzir uma habitação com aparência satisfatória (veja Reis, 1992). Portanto, o resultado obtido sugere que um certo nível de personalização poderia ser desejável, porém, não necessariamente caracterizado por grandes alterações, mas por melhorias de acabamento. Por outro lado, olhando os níveis de satisfação daqueles que não realizaram nenhuma alteração, poderia ser argumentado que, talvez, personalização não desempenhe nem mesmo o aclamado papel muito importante, ao menos para os residentes das habitações investigadas nesta pesquisa, o que questiona fortemente a validade daquelas generalizações que colocam um grande peso na importância da

TABELA 2

EXEMPLOS DE NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM AS PEÇAS DAS HABITAÇÕES DE ACORDO COM O GRAU DE ALTERAÇÕES REALIZADAS PELOS SEUS RESIDENTES NAS SUAS HABITAÇÕES

TIPO DE HABITAÇÃO	GRAU DE ALTERAÇÕES	NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM AS PEÇAS DA HABITAÇÃO	
		SATISFEITOS	INSATISFEITOS
Casa isolada no terreno Tancredo Neves	- nenhuma alteração	42.9% (3 de 7)	28.6% (2 de 7)
	- somente melhorias de acabamento	83.3% (5 de 6)	0%
	- somente aumento do tamanho da habitação	55.6% (10 de 18)	16.7% (3 de 18)
	- aumento da habitação e alteração do uso das peças	55.6% (5 de 9)	0%
Casas em fita Costa e Silva	- nenhuma alteração	0%	100% (1 de 1)
	- somente melhorias de acabamento	16.7% (1 de 6)	66.7% (4 de 6)
	- somente aumento da habitação	12.5% (1 de 8)	75% (6 de 8)
	- aumento da habitação e alteração do uso das peças	14.3% (1 de 7)	57.1% (4 de 7)
Casa isolada no terreno Costa e Silva	- somente melhorias de acabamento	100% (2 de 2)	0%
	- somente aumento do tamanho da habitação	0%	66.7% (2 de 3)
	- aumento da habitação e alteração do uso das peças	20% (1 de 5)	80% (4 de 5)
Blocos 4 pav. comercializados Rubem Berta	- nenhuma alteração	14.3% (1 de 7)	57.1% (4 de 7)
	- somente melhorias de acabamento	33.3% (6 de 18)	55.6% (10 de 18)
	- somente alterações relacionadas a privacidade	42.9% (3 de 7)	28.6% (2 de 7)
	- alterações relacionadas a privacidade e uso das peças	0%	100% (5 de 5)
Blocos 4 pav. invadidos Rubem Berta	- nenhuma alteração	100% (1 de 1)	0%
	- somente melhorias de acabamento	42.9% (12 de 28)	21.4% (6 de 28)
	- somente alterações relacionadas a privacidade	50% (4 de 8)	50% (4 de 8)
	- alterações relacionadas a privacidade e uso das peças	33.3% (4 de 12)	50% (6 de 12)

TABELA 3

EXEMPLOS DE NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM A APARÊNCIA DAS HABITAÇÕES DE ACORDO COM O GRAU DE ALTERAÇÕES REALIZADAS PELOS SEUS RESIDENTES NAS SUAS HABITAÇÕES

TIPO DE HABITAÇÃO	GRAU DE ALTERAÇÕES	NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM A APARÊNCIA DA HABITAÇÃO	
		SATISFEITOS	INSATISFEITOS
Casa isolada no terreno Tancredo Neves	- nenhuma alteração	57.1% (4 de 7)	28.6% (2 de 7)
	- somente melhorias de acabamento	66.7% (4 de 6)	0%
	- somente aumento do tamanho da habitação	77.8% (14 de 18)	11.1% (2 de 18)
	- aumento da habitação e alteração do uso das peças	77.8% (7 de 9)	11.1% (1 de 9)
Casas em fita Costa e Silva	- somente melhorias de acabamento	66.7% (4 de 6)	0%
	- somente aumento do tamanho da habitação	87.5% (7 de 8)	12.5% (1 de 8)
	- aumento da habitação e alteração do uso das peças	57.1% (4 de 7)	28.6% (2 de 7)
Casa isolada no terreno Costa e Silva	- somente melhorias de acabamento	50% (1 de 2)	50% (1 de 2)
	- somente aumento do tamanho da habitação	0% (0 de 3)	0% (0 de 3)
	- aumento da habitação e alteração do uso das peças	20% (1 de 5)	80% (4 de 5)

personalização para alcançar a satisfação do usuário. Isto é sustentado pelos dados levantados através das 40 entrevistas realizadas com os residentes dos blocos de apartamentos do conjunto Rubem Berta, que mostraram, contrariamente ao que tem sido proclamado na literatura (veja Reis, 1992), que uniformidade era preferida em relação a variedade, não somente como um valor estético mas também como um valor de justiça social. Consequentemente, surgem indagações sobre a existência de relação entre o grau de alterações realizadas pelos residentes e os níveis de satisfação destes com aspectos relacionados a personalização e aparência.

Os residentes em casas no conjunto Tancredo Neves, que não realizaram nenhuma alteração, estavam um pouco mais satisfeitos com a possibilidade de fazer alterações na habitação do que aqueles que efetuaram alterações relacionadas ao uso das peças e ao aumento das casas, e quase tão satisfeitos quanto aqueles que somente aumentaram o tamanho das habitações (tabela 4 abaixo). Poderia ser argumentado que as casas isoladas no terreno apresentam-se como a melhor solução habitacional aos residentes, já que estes tinham a opção de fazer ou não alterações de acordo com os seus desejos e, logo, eles estariam satisfeitos com a possibilidade de fazer alterações oferecida pelo tipo de habitação, independentemente de terem ou não realizado alterações. Entretanto, o mesmo não aconteceu com os níveis de satisfação dos residentes das casas isoladas no terreno no conjunto Costa e Silva (tabela 4 abaixo). Isto poderia ser parcialmente explicado pelo tamanho diferente dos terrenos, que era um pouco menor nas casas isoladas no terreno do conjunto Costa e Silva (9.75x18m) do que nas casas isoladas no terreno do conjunto Tancredo Neves (10x20m), assim como pela diferente implantação das casas nos terrenos. Contudo, estes aspectos não foram identificados como causadores de insatisfação nos residentes das casas isoladas no terreno do conjunto Costa e Silva.

O componente econômico renda familiar poderia ser uma explicação parcial na habilidade de fazer ou não alterações, já que os residentes das casas isoladas no terreno do conjunto Costa e Silva apresentavam a média salarial por residente mais baixa (0.80 salário por pessoa) dentre as amostras investigadas. Contudo, os residentes das casas isoladas no terreno do conjunto Tancredo Neves também estavam dentre os níveis salariais mais baixos (0.98 salário por pessoa). Na verdade, a renda familiar não teve um impacto significativo nos níveis de satisfação dos residentes de um mesmo tipo de habitação, e o nível econômico dos moradores não era muito diferente entre os diferentes tipos de habitação investigados. Entretanto, nas casas isoladas no terreno do Tancredo Neves, satisfação com a habitação, privacidade, possibilidade de fazer alterações, e principalmente aparência, poderiam ter sido afetados pelo grau de participação no projeto construído.

TABELA 4
EXEMPLOS DE NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM A POSSIBILIDADE DE FAZER ALTERAÇÕES NAS HABITAÇÕES DE ACORDO COM O GRAU DE ALTERAÇÕES REALIZADAS PELOS SEUS RESIDENTES NAS SUAS HABITAÇÕES

TIPO DE HABITAÇÃO	GRAU DE ALTERAÇÕES	NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM A POSSIBILIDADE DE FAZER ALTERAÇÕES NA HABITAÇÃO	
		SATISFEITOS	INSATISFEITOS
Casa isolada no terreno Tancredo Neves	- nenhuma alteração	85.7% (6 de 7)	14.3% (1 de 7)
	- somente melhorias de acabamento	66.7% (4 de 6)	16.7% (1 de 6)
	- somente aumento do tamanho da habitação	83.3% (15 de 18)	11.1% (2 de 18)
	- aumento da habitação e alteração do uso das peças	77.8% (7 de 9)	11.1% (1 de 9)
Casas em fita Costa e Silva	- somente melhorias de acabamento	50% (3 de 6)	33.3% (2 de 6)
	- somente aumento do tamanho da habitação	75% (6 de 8)	25% (2 de 8)
	- aumento da habitação e alteração do uso das peças	71.4% (5 de 7)	14.3% (1 de 7)
Casa isolada no terreno Costa e Silva	- somente melhorias de acabamento	50% (1 de 2)	50% (1 de 2)
	- somente aumento do tamanho da habitação	100% (3 de 3)	0%
	- aumento da habitação e alteração do uso das peças	20% (1 de 5)	80% (4 de 5)
Blocos 2 pav. Tancredo Neves	- nenhuma alteração	50% (7 de 14)	35.7% (5 de 14)
	- somente melhorias de acabamento	37% (10 de 27)	40.7% (11 de 27)
Blocos 4 pav. comercializados Rubem Berta	- nenhuma alteração	42.9% (3 de 7)	28.6% (2 de 7)
	- somente melhorias de acabamento	50% (9 de 18)	38.9% (7 de 18)
	- somente alterações relacionadas a privacidade	42.9% (3 de 7)	42.9% (3 de 7)

TABELA 4 (cont.)

EXEMPLOS DE NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM A POSSIBILIDADE DE FAZER ALTERAÇÕES NAS HABITAÇÕES DE ACORDO COM O GRAU DE ALTERAÇÕES REALIZADAS PELOS SEUS RESIDENTES NAS SUAS HABITAÇÕES

TIPO DE HABITAÇÃO	GRAU DE ALTERAÇÕES	NÍVEIS DE SATISFAÇÃO COM A POSSIBILIDADE DE FAZER ALTERAÇÕES NA HABITAÇÃO	
		SATISFEITOS	INSATISFEITOS
	- alterações relacionadas a privacidade e uso das peças	0%	100% (5 de 5)
Blocos 4 pav. invadidos	- nenhuma alteração	100% (1 de 1)	0%
Rubem Berta	- somente melhorias de acabamento	57.1% (16 de 28)	25% (7 de 28)
	- somente alterações relacionadas a privacidade	37.5% (3 de 8)	25% (2 de 8)
	- alterações relacionadas a privacidade e uso das peças	33.3% (4 de 12)	41.7% (5 de 12)

Esta discussão sugere que as alterações, per si, não asseguram satisfação e que a tão proclamada necessidade do residente em atuar no seu ambiente físico, apropriando-se dele e transformando-o de acordo com as suas necessidades, não é uma condição suficiente para que o residente sinta-se satisfeito com o seu ambiente residencial (veja Reis, 1992). Será que as habitações precisam oferecer maiores possibilidades de alterações? Alguns residentes entrevistados expressaram suas opiniões sobre 'realizar alterações' desta forma:

...já que somos pobres, deveriam nos fornecer uma habitação melhor na qual não precisássemos gastar dinheiro [fazendo alterações]...; ...nós fazemos alterações porque é necessário, mas nós não somos a favor de fazer alterações... nós escolhemos a casa que queremos e nunca alteramos nada; nós colocamos os móveis numa posição e nunca mudamos...; ...não se deve viver em dependência do apartamento ou da casa; o ser humano precisa se preocupar com outras coisas. Uma habitação não deveria requerer tantos investimentos todo o tempo, e a necessidade de fazer alterações e reparos todo o tempo gera total insatisfação...

Além disso, enquanto 100% daqueles que realizaram alterações relacionadas a privacidade e ao uso das peças estavam insatisfeitos com a possibilidade de fazer alterações nos apartamentos comercializados dos blocos de quatro pavimentos do conjunto Rubem Berta, 50% daqueles que realizaram somente melhorias de acabamento estavam satisfeitos (tabela 4 acima). Esta correlação negativa está refletida no coeficiente Kendall de correlação (coeficiente = -0.2783 , sig. = 0.0229). A situação não era muito diferente nos apartamentos invadidos, onde novamente aqueles residentes que realizaram alterações relacionadas a privacidade e ao uso das peças estavam menos satisfeitos com a possibilidade de fazer alterações nos seus apartamentos do que aqueles que realizaram apenas melhorias de acabamento (tabela 4 acima).

Embora as relações não sejam estatisticamente significativas, por alguma razão, os residentes situados no terceiro pavimento dos blocos de apartamentos comercializados (os mais satisfeitos com o apartamento) ou invadidos, foram aqueles que realizaram menor número de alterações com as paredes divisórias, e os residentes situados no quarto pavimento dos blocos de apartamentos comercializados (os menos satisfeitos com os apartamentos), foram aqueles que realizaram maior número de alterações nas paredes divisórias. Portanto, aqui parece claro que o tipo e/ou intensidade de alterações realizadas pelos residentes nos apartamentos tal como adição ou remoção de paredes divisórias, as quais podem ser associadas a flexibilidade interna defendida pela 'Teoria dos Suportes', não promoveram satisfação, mas ao contrário, provocaram insatisfação. Logo, não foi encontrada sustentação para afirmações tais como as de Thijssen (1985, p.375), onde argumenta que, para os residentes, um dos aspectos mais importantes do projeto habitacional consiste em modificar os arranjos espaciais internos, de acordo com suas necessidades. Entretanto, foi encontrada sustentação para as afirmações de Cooper Marcus & Sarkissian (1986, p.64), que sustentam, referindo-se a Rabeneck, Sheppard, e Town, que as pessoas não estão muito interessadas em realizar tais tipos de alterações. Portanto, as noções de 'flexibilidade', bastante atraentes num primeiro momento, na verdade, poderiam estar mais vinculadas a um tamanho adequado da habitação do que a realização de várias alterações.

Conseqüentemente, esta evidência mostra que as alterações realizadas pelos residentes não contribuíram significativamente para aumentar os níveis de satisfação com suas habitações e aspectos específicos destas, contrariamente ao que vem sendo argumentado por alguns autores. Talvez isto tenha ocorrido devido a limitada participação, no sentido em que esta não foi suficiente para responder a todos os objetivos e necessidades dos residentes (embora tenham sido feitas alterações substanciais

nas casas), e/ou porque juntamente com as alterações, surgiram alguns efeitos colaterais (p.ex. consumo de tempo e dinheiro, falta de limpeza, danificação do mobiliário, etc.), e ainda e/ou porque as pessoas não desejavam ter que realizar alterações.

3 CONCLUSÃO

As conclusões relativas a avaliação da escola de pensamento sobre a participação do usuário realizada através de cinco indicadores mostram que o seu principal argumento, que coloca a participação do residente como uma 'condição necessária' para alcançar um nível de satisfação adequado com o projeto da habitação popular, não foi inteiramente sustentado. Isto torna-se mais evidente quando constata-se que a hipótese nula 'a participação do residente não é uma condição necessária para que este se sinta satisfeito com o projeto da habitação popular' não pode ser rejeitada.

Os resultados obtidos sustentam a idéia de que muitos daqueles que argumentam sobre a necessidade de participação do usuário, não reconhecem que um grande número de projetos de habitação popular produzidos até então tem desconsiderado conhecimentos já estabelecidos ou que existe uma real necessidade de desenvolver pesquisas adequadas com o objetivo de obter as informações sobre quais os fatores de projeto e compreender como estes mesmos fatores mais afetam a satisfação e o comportamento do residente em relação ao projeto da habitação popular.

Portanto, parece ser o caso de situações extremas, em que parte-se da desconsideração dada por parte dos arquitetos/projetistas aos fatores que mais afetam a satisfação e comportamento do residente com o projeto da habitação popular, para uma situação oposta, veementemente defendida por alguns autores, de um total envolvimento do usuário no projeto da habitação. Desta forma, não é dispensada a necessária atenção a um importante estágio intermediário - a coleta e o respeito por informações adequadas sobre os fatores que mais afetam a satisfação e o comportamento do residente, com a devida incorporação destas informações no projeto da habitação popular. Nesta conclusão fica implícito que o input do usuário, sob uma forma indireta de participação através de pesquisas de avaliação sobre suas necessidades e preferências, as quais possibilitariam uma melhor compreensão sobre as interrelações entre indivíduos e ambiente, deve ser considerado como base para projeto.

4 REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, C. et al. (1975). The Oregon Experiment. New York, Oxford University Press.
- ALEXANDER, C. et al. (1985). The Production of Houses. New York, Oxford University Press.
- Architects' Journal (1983). Lea View House, Clapton. Architects' Journal, July.
- ARNSTEIN, S. (1969). A ladder of citizen participation. Journal of the American Institute of Planners, Vol.29, No.4, pp.216-224.
- BACON, V. and JENKS, M. (1986). 'Briefing - a means to match user interests and design', in SCOTT, J. and JENKS, M. (eds.), What is the Point of Community Architecture?. Oxford Polytechnic, Department of Town Planning, Working Paper No.95, November, pp.29-38.
- BECKER, F.D. (1977). Housing Messages. Stroudsburg, Dowden, Hutchinson and Ross, Inc.
- DARKE, J. (1982). The design of public housing: architects' intentions and users' reactions. Department of Town and Regional Planning, University of Sheffield, Ph.D. Thesis.
- DUNLEAVY, P. (1981). The Politics of Mass Housing in Britain, 1945-75. Oxford, Clarendon Press.
- COLEMAN, A. (1985). Utopia on Trial. London, Hilary Shipman.
- CONAN, M. (1987). Dwellers' involvement in housing design: a development perspective. The Journal of Architectural and Planning Research, Vol.4, No.4, pp.301-309.
- COOPER MARCUS, C. & SARKISSIAN, W. (1986). Housing as if People Mattered. Berkeley, University of California Press, Ltd.
- CROSS, N. (1982). Participation. Architects' Journal, January, pp.76-78.
- FARRELLY, E.M. (1987). Community Architecture, contradiction in terms? Architectural Review, No.1081, March, pp.27-31.
- HABRAKEN, N.J. (1972). Supports, an alternative to mass housing. London, The Architectural Press.
- HAMDI, N. and WILKINSON, N. (1974). Stamford Hill Supports House Assembly Kits. The Architects' Journal, 28 August, p.9.
- HAMDI, N. (1991). Housing without houses. New York, Van Nostrand Reinhold.
- HERTZBERGER, H. (1984). The Interaction of Form and Users, in HATCH, C.R., The Scope of Social Architecture. New York, Van Nostrand Reinhold, pp.13-21.
- JOHNSON, J. (1979). A plain man's guide to participation. Design Studies, Vol.1, No.1, pp.27-30.
- KELLET, P. (1987). Killingworth towers: what went wrong? Open House International, Vol.12, No.4, pp.4-11.
- LANG, J. (1987). Creating Architectural Theory: The role of the behavioural sciences in environmental design. New York, Van Nostrand Reinhold Company Inc.
- LIEBMAN, T. and MELTING, A. (1974). Learning from experience: the evolution of housing criteria. Progressive Architecture, Vol.11, No.74, pp.71-77.
- MALPASS, P. (1979). A Reappraisal of Byker, Magic, myth and the architect. Architects' Journal, 9/5/79, pp.961-969, 16/5/79, pp.1011-1021.
- NEWMAN, O. (1972). Defensible Space. New York, The Macmillan Company.

- OWENS, R. (1986). Participation Panacea. Architects Journal, June, pp.24-25.
- RAPOPORT, A. (1987). Book Review - The Scope of Social Architecture. Environment and Behaviour, July, pp.525-528.
- REIS, A. (1992). Mass housing design, user participation and satisfaction. Oxford Polytechnic, Ph.D. Thesis.
- SCHUMAN, T. (1987). Participation, Empowerment, and Urbanism: Design and Politics in the Revitalization of French Social Housing. The Journal of Architectural and Planning Research, Vol.4, No.4, pp.349-359.
- SCOTT, J. (1986). 'Introduction', in SCOTT, J. and JENKS, M. (eds.), What is the Point of Community Architecture?. Oxford Polytechnic, Department of Town Planning, Working Paper No.95, November, pp.1-8.
- THIJSSSEN, A.P. (1985). The modular coordination system and user participation. Proceedings of the International Design Participation Conference, Vol.1, 22-24 April, pp.375-393. Edited by M.R.Beheshti, Design Methods Group, Faculty of Architecture, Building, and Planning, Eindhoven University of Technology.
- TURNER, J.F.C. (1976). Housing By People: Towards Autonomy in Building Environments. London, Marion Boyars.
- WOOLLEY, T. (1985). Community Architecture: an evaluation of the case for user participation in design. Oxford Polytechnic, Ph.D. Thesis.
- WULZ, F. (1985). The concept of participation. in M.R.BEHESHTI (ed.) Proceedings of the International Design Participation Conference, Vol.1 Eindhoven University of Technology, Design Methods Group, Faculty of Architecture, Building and Planning, 22-24 April, pp.216-235.
- ZEISEL, J. (1981). Inquire by Design. Cambridge, Cambridge University Press.

ANTÔNIO T. REIS
PhD, Arquiteto, professor titular da Faculdade de
Arquitetura UFRGS, PROPUR, NORIE
Praça Carlos Simão Arnt 21 Apto 202
90450-110 Porto Alegre RS Brasil
fone/fax 010 55 513333091/3163145
tarcisio@vortex.ufrgs.br